

Versão On-line

ISBN 978-85-8015-039-1

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2008

EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL SANTO AGOSTINHO NO MUNICÍPIO DE PALOTINA - PR

Sonia Marmol Riffel¹

Vilmar Malacarne²

RESUMO: A evasão é um dos aspectos do fracasso escolar que tem atingido um número bastante significativo de jovens no sistema educacional brasileiro. A situação se acentua quando se leva em consideração os alunos que freqüentam a escola no período noturno. Neste contexto, este artigo foi elaborado com base em uma pesquisa realizada junto aos alunos evadidos do ensino médio noturno no Colégio Estadual Santo Agostinho do município de Palotina – PR, objetivando identificar as causas dessa evasão e apontar possíveis soluções para a mesma. Os dados obtidos com a pesquisa apontam para a necessidade de atitudes que possam reverter tal situação e trazer de volta à escola muitos jovens que estão deixando de estudar e, através deste estudo, almejar um futuro melhor.

Palavras-chave: Evasão escolar. Fracasso escolar. Ensino Médio.

ABSTRACT: The high school dropout is one of the aspects that has reached a significant number of young people in the Brazilian educational system. In addition to this, there are repeated failures and low performance of students who remain in college. The situation increases when those students have to attend school at night. In this context, this article was prepared on the basis of a search conducted among students nightly dropouts on Santo Agostinho state school in the city of Palotina – PR, in order to identify possible causes of this. The dices obtained with the search pointed out the need for reverse the situation and bring back the school many adolescents and young people that gave up their studies, so through this study, aim for a better future.

Keywords: Dropout school. Failure school. High school.

INTRODUÇÃO

Por evasão, no sentido mais simplista do termo, compreende-se o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade.

¹Profª PDE - Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: soniariffel@hotmail.com

²Prof. Orientador. Doutor em Educação. Professor da Unioeste. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores de Ciências e Matemática. E-mail: mala@unioeste.br

Em função de ser uma realidade vivida constantemente pelas escolas, buscou-se, neste trabalho, evidenciar as principais razões que levam o jovem a desistir ou abandonar os estudos.

Com base em uma pesquisa realizada junto aos alunos evadidos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina – PR, professores, equipe pedagógica e direção, este trabalho têm como objetivo trazer maiores esclarecimentos sobre algumas situações e causas que levam alunos a evadirem-se da escola sem a conclusão da Educação Básica, principalmente no período noturno, bem como apontar algumas sugestões que possam minimizar essa situação.

Após definir qual seria o tema pesquisado, buscou-se um referencial teórico para embasar o estudo do assunto, analisando e comparando os mesmos dados em outras escolas e outras localidades, bem como as alternativas buscadas e resultados obtidos. Observou-se, enquanto primeira análise, que não havia diferença no percentual de alunos e nem das causas que levavam tantos adolescentes à evasão escolar no Ensino Médio Noturno, quando a escola pesquisada for comparada com as escolas de outras regiões.

Na seqüência, fez-se um trabalho de campo com os alunos evadidos de anos anteriores, procurando identificar as causas do abandono da escola. Nesta fase da pesquisa trabalhou-se um questionário com os alunos e professores, onde ambos, após o conhecimento da pesquisa, deveriam dar sugestões de como melhorar o ambiente escolar e o vínculo criado nesse ambiente com vistas a oferecer ao aluno com histórico evasivo condições de permanência na escola, principalmente no Ensino Noturno, que é onde o problema aparece com maior ênfase.

A Direção e a Equipe Pedagógica do Colégio, junto com o corpo docente, também foram envolvidas nas discussões, uma vez que é um problema da escola como um todo e a busca de soluções também é de interesse de todos.

Fato interessante e que vale ressaltar é que os alunos se evadem quase sempre no segundo semestre do ano letivo. Vinte e um alunos evadidos da escola no primeiro ano do ensino médio noturno de 2009 participaram da pesquisa.

A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Estudos, como de Arpini (2003), Luft (2003), Penin (1995) e Queiroz (1998), apontam que o tema evasão escolar é complexo e às vezes contraditório. Não é algo que

acontece isoladamente em uma ou outra escola, mas, constitui-se em um fenômeno que ocorre em todas, sejam elas de grandes centros ou de bairros mais afastados. No entanto, isso não significa aceitar que o problema não tenha solução e então que seja motivo de conforto por parte da escola, uma vez que sua causa estaria fora dela, embora se configure mais efetivamente em seu interior.

Uma possibilidade de interpretação da história da humanidade indica que por milhares de anos o conhecimento foi repassado e ensinado por meio do ato vivenciado de acordo com as necessidades do cotidiano, mas este modo de ensinar foi se modificando até tornar-se de caráter institucional com o surgimento da escola, a qual tem, na atualidade, como objetivo específico, a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Entretanto,

[...] para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação. Isso implica dosá-lo e seqüenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio. Ora, o saber dosado e seqüenciado para efeitos de sua transmissão-assimilação no espaço escolar, ao longo de um tempo determinado, é o que nós convencionamos chamar de “saber escolar” (SAVIANI, 2005, p. 18).

Para que a escola cumpra sua função, garantindo que seus alunos apropriem-se do saber escolar, ela precisa lidar com diversas questões internas a sua dinâmica e, dentre elas a própria permanência do aluno na instituição.

A questão em estudo tem se agravado muito nos últimos anos, junto com a reprovação e o não rendimento, caracterizando o chamado “fracasso escolar” que culmina com a evasão.

É preciso compreender que existe um modelo de escola para os adolescentes que pertencem aos grupos econômicos e culturais que têm garantia de acesso e outro para aqueles dos grupos populares, para os quais essa garantia não existe. Para os primeiros a saída está na escola, sendo através dela que eles e seus pais esperam alcançar sucesso, terem dinheiro e realização profissional, na sua continuidade, é através da universidade que a maioria deles pretende concretizar seu projeto de futuro. Assim, para estes a escola está presente e os interessa como única possibilidade de concretização desse projeto que já está em andamento desde seu ingresso na escola. Por outro lado, o grupo dos adolescentes filhos de classes menos abastadas tem seu dia-a-dia muito parecido com os de seus pais, que trabalham numa extensa jornada, acrescida, muitas vezes, da freqüência na escola noturna. Para estes a frustração e as dificuldades começam muito cedo, pois são excluídos do modelo anterior, embora teoricamente

tenham acesso a ele. A escola não lhes oferece as perspectivas que o trabalho representa. Não há muitas possibilidades de escolha a serem feitas.

Fica evidente que é preciso encontrar um meio de atender os alunos dessas classes, pois é esse público que mais precisa dos conhecimentos via escola, sendo esta talvez, a única forma de, durante a vida, adquirir a criticidade para poder melhor interpretar sua realidade e os desafios do mundo onde vivem. Assim é preciso que se atente para o fato de que sua exclusão da escola antes mesmo de sua escolarização mínima, pode se tornar um fato gerador de outros problemas que envolvem o cotidiano e a vida futura do indivíduo.

Na verdade, a aquisição precária do saber elaborado nas séries iniciais, vai se agravando no percurso escolar. Isso é visível no ensino do período noturno. Os alunos vêm de uma jornada de trabalho de diferentes setores produtivos, formais e informais e com salários geralmente irrisórios. Chegam à escola, cansados, estressados, mal alimentados, entre outras situações. Como conseqüência, se torna muito difícil suportar o tempo de aula. Ainda, como agravante, podem encontrar professores que já estão também em sua terceira jornada de trabalho e o quadro se completa.

Com este quadro, a evasão escolar vem ocupando boa parte das discussões das autoridades ligadas à educação, tratando-se de uma questão nacional.

Segundo Silva (2000, p. 04) “a desnutrição mesmo que moderada, é uma das causas principais da alteração do desenvolvimento mental e mau desempenho escolar.” Desta forma, o nível sócio-econômico gera menor rendimento e estes alunos são mais propensos à evasão escolar.

Meksenas (*apud* QUEIROZ, 1998, p. 02) desenvolveu um estudo sobre a evasão escolar dos alunos dos cursos noturnos e aponta que a evasão acontece devido “a esses alunos serem obrigados a trabalhar para o sustento da própria família, exaustos com a maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário.”

De um modo geral, os estudos relacionados a esse tema se baseiam em causas externas à escola para explicar a evasão e o fracasso escolar, e buscam eximir a escola de sua parcela de culpa. Outros autores desenvolveram estudos no sentido de apontar que a escola é a responsável pelo fracasso e a evasão escolar. Fukui (*apud* BRANDÃO *et al*, 1983, p. 04), por exemplo, afirma que “o fenômeno da evasão e repetência está longe de ser fruto das características individuais dos alunos e das suas famílias. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros destes diferentes segmentos da sociedade”.

O pensamento liberal transposto à educação é que busca responsabilizar o aluno pelo seu não rendimento. Assim, o aluno é culpado por seu próprio fracasso, seja pela pobreza, pela má alimentação, pela falta de esforço e interesse que o levam a evadir-se da escola. “Tenta fazer com que as pessoas acreditem que o único responsável pelo sucesso ou fracasso social de cada um é o próprio indivíduo e não a organização social” (CUNHA *apud* QUEIROZ, 1998, p.04).

Para além das acusações e da busca de culpados, importa-nos discutir a concretude desta situação entendendo-a como um problema grave no cenário educacional brasileiro e que vem preocupando tanto as famílias quanto as escolas. Torna-se necessário, então, buscar alternativas que procurem dar conta do problema, e que produzam um resultado satisfatório e seja possível ver diminuída a tal realidade.

Quais seriam então os caminhos para a solução?

Para Aquino,

[...] não é possível imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia à relação professor-aluno, ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extra-escolares. Abstenhamo-nos, pois, de demandar uma ação mais efetiva da família, uma melhor definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas. A saída está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar (AQUINO, 1999, p.50).

Desta forma, torna-se necessário romper com a idéia de uma classe com alunos ideais e começar a trabalhar com os alunos reais, ou seja, aqueles que a escola recebe ano após ano em suas salas de aula. Alunos com bagagem cultural diferenciada, com problemas e dificuldades, mas que também apresentam seu potencial, que necessitam ser vistos como seres humanos que são, serem ouvidos em seus anseios, em suas lutas para conciliar trabalho e estudo, em suas desestruturas financeiras e familiares.

Estudos desenvolvidos por estudiosos do assunto, remetem a situações das mais diversas, como: questões sociais, políticas, saúde, a escola, o professor ou ainda algumas disciplinas que são apontadas como causas da evasão. Independente de quem poderia ser o responsável por este quadro, o fato é que todos os envolvidos com a educação deveriam tomar ciência de que o fato existe e é um grave problema no cenário educacional brasileiro.

Para Boneti

Os evadidos da escola são também os excluídos sociais e é impossível entender a exclusão de forma fragmentada como a social, a econômica, a política, a escolar [...] Qualquer tipo de exclusão compromete o indivíduo no seu papel de cidadão.

[...] O ser humano é um cidadão quando tem participação integral na sociedade, quer seja na produção como através das esferas socioculturais [...] A exclusão social resume-se na exclusão do direito a cidadania onde quer que ela se manifeste (BONETI, 2003, p.35).

Neste contexto, a evasão escolar tem estreita ligação com a exclusão social. Onde o indivíduo que, deixando de ter acesso ao saber torna-se alijado de outros direitos, como sua participação na política, na economia e na vida social.

Para compreender melhor a questão da evasão escolar, é preciso fazer um estudo amplo e buscar o entendimento da sociedade e do espaço em que a escola está inserida, pois cada região possui as suas particularidades e os educandos carregam as conseqüências dos problemas dessa sociedade local.

EDUCAÇÃO E EVASÃO

A escolha do tema “evasão escolar”, discutida neste artigo, nasce da constatação de que, no cotidiano da escola objeto nesta análise, há muitos alunos que costumam chegar atrasados, vão embora antes do término das aulas, não ficam em sala de aula e quando ficam, mostra-se alheios a tudo o que se passa ali; por vezes pedem para sair e não retornam, alguns ficam no pátio, atrapalham os demais, andam de um lado para o outro, vão até as salas onde estão acontecendo as aulas, chamam os colegas, enfim... e, com frequência, a partir do segundo semestre letivo, desistem da escola para voltar no próximo ano. Este problema freqüentemente constatado no cotidiano de muitas instituições escolares, representando um desafio à escola.

Para Serrão & Baleeiro

A educação é uma chave. Chave que abre a possibilidade de se transformar o homem anônimo, sem rosto, naquele que sabe que pode escolher, que é sujeito participante de sua reflexão, da reflexão do mundo e da sua própria história, assumindo a responsabilidade dos seus atos e das mudanças que fizer acontecer. Esta chave nos permite modificar a realidade, alterando o seu rumo, provocando as rupturas necessárias e aglutinando as forças que garantem a sustentação de espaços onde o novo seja buscado, construído e refletido (SERRÃO & BALEEIRO, 1999, p. 23).

Embora, os autores coloquem a educação como um meio para se atingir um fim, sabe-se que não é bem assim, existem coisas que estão além dos limites dos educandos.

Mesmo que o aluno queira, no contexto ora apresentado, ele é influenciado por uma série de fatores que estão muito além de seu esforço, abrangem sua realidade cotidiana.

Assim sendo, cabe aos profissionais da educação despertar nos alunos o desejo de adquirirem, através do estudo, condições de viver melhor, compreender os acontecimentos cotidianos, adquirir condições de poder optar e viver de forma menos alienada. Torna-se, então urgente, que sejam revistos métodos e posicionamentos frente a situação de evasão que se apresenta.

Nesta perspectiva, o professor precisa ser levado a refletir se, enquanto educador, está cumprindo o seu papel, visto que muitas vezes deixa a desejar em sua prática, no entanto, cobra a participação e o envolvimento dos alunos em sala de aula. Rucheisncky (2004, p. 18) cita que "... na singeleza dos quadrantes da sala de aula, o docente encontra-se envolto na necessidade de proporcionar estímulos para que os discentes maximizem a aprendizagem".

Os jovens estão num período de suas vidas de muitas indefinições e mostram-se inseguros diante das decisões que necessitam tomar. Portanto, ao trabalhar com eles, torna-se necessário levar em conta que

O caminho mais fácil para o entendimento entre o educador e o adolescente é a história de vida. É preciso saber um pouco da história de vida do adolescente para conhecer suas potencialidades e dificuldades. Esse conhecimento facilita o diálogo entre adolescente, educador e grupo. Assim, o educador fica mais forte, tem mais inspiração para viver sua aventura pedagógica (SERRÃO & BALEEIRO, 1999, p. 25).

Corroborando com Serrão & Baleeiro, Garcia (1999) leva a entender que seria muito bom se os professores se preparassem para criar condições para que os alunos se apropriassem de novas habilidades de estudo, que envolvessem aprendizagens cooperativas. Sugere ainda, que a escola desenvolva atividades extracurriculares, envolvendo a comunidade, as quais levem os alunos a gostarem da escola, uma vez que:

A escolarização hoje não está mais associada a vantagens socioeconômicas efetivas para muitos alunos, e teria, conseqüentemente, perdido parte de seu "valor". Essa crise de significado quanto ao papel da escola reflete uma crise social mais ampla de valores e deve ser encarada sob este nível de complexidade (GARCIA, 1999, p. 107.)

Embora a escola seja impotente para resolver a ampla crise social que se apresenta na atualidade, algumas modificações podem ser realizadas para que os estudantes tenham maior envolvimento nas atividades de sala e passem a valorizar mais a escola enquanto principal instituição responsável por sua formação intelectual. Dentre

estas modificações pode-se citar um maior engajamento da equipe pedagógica e do professor em especial.

A escola precisa construir um saber no qual os sujeitos, que na vida tem mais dificuldades, ressaltando aqui principalmente as financeiras, sejam mais valorizados, pois

Quando um adolescente é excluído da escola e do trabalho, ele está, nesse momento, sendo incluso no espaço social da marginalidade e da delinqüência. A forma como a sociedade organiza as relações torna difícil fugir dessa lógica. Os adolescentes, ao não vislumbrarem muitas possibilidades de futuro agem como se ele não existisse, vivendo sem projetos, sem planos, sem grandes sonhos, que lhe são roubados pela sociedade (ARPINI. 2003, p. 54).

Deste modo, busca-se com esta pesquisa um caminho que permita uma maior aproximação com esses adolescentes, os quais se mostram tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes de escola. Entendê-los parece ser o passo inicial desta caminhada.

Penin (1995, p. 03) afirma que “nenhum trabalho pode ser separado da vida e de suas circunstâncias e que todo estudo que busque pesquisar um problema social deve ser levado a sério, buscando retratar o mais fielmente possível a realidade, pois só assim ele terá valor.” Embasado nisso, esta pesquisa buscou ouvir os alunos evadidos do Colégio Estadual Santo Agostinho, do município de Palotina - PR, seus anseios e necessidades e os “porquês” de tantos desacertos em sua vida escolar.

A EVASÃO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO SANTO AGOSTINHO

A escola noturna surgiu no Brasil no final do século XIX para atender aqueles que trabalhavam ou tinham uma idade que não lhes permitia freqüentar as classes escolares diurnas. Funcionavam em locais improvisados e os professores que se dispunham a trabalhar nelas não recebiam salário nem tinham capacitação específica, apenas recebiam, as vezes, gratificações. Desde o princípio o ensino noturno foi marcado por resultados muito baixos e pela grande evasão, resultando assim não como fracasso dos alunos mas da própria instituição escolar. Surgiu mais para atender interesses eleitoreiros do que para realmente atender a população.

Convém lembrar também que a obrigatoriedade da Educação Básica, é socialmente demarcada pelas exigências do mercado de trabalho, que exclui os despreparados, tendo em vista que “Os desajustes são produtos das relações sociais

excludentes, que com violência, atingem setores da população que foram ou estão sendo relegados” (RUCHEINSCKY, 2004, p. 80).

Das causas do fracasso escolar, onde figuram a evasão e a repetência, Patto (1996, p. 117) ressalta a importância capital do próprio processo de ensino no sucesso da escola; a seu ver, este “não pode ser isolado da vida e precisa despertar o interesse do aluno.” Afirma ainda que “processos inadequados respondem por boa parte da indiferença, apatia, turbulência e agressividade verificadas”.

A evasão escolar não deve ser pensada isoladamente. É um processo influenciado por um conjunto de fatores que se somam, e neste sentido é preciso compreender o processo em sua complexa dimensão, analisando não somente os números, mas a história camuflada por detrás deles, que são os problemas que causam o abandono da escola.

Estudos realizados na escola foco das investigações desta pesquisa, Colégio Estadual Santo Agostinho, desde o ano de 2007, vêm demonstrando uma realidade preocupante, que é o crescimento da evasão escolar no período noturno, mais especificamente na primeira série do ensino médio. Nesta série, as reprovações e desistências vêm se mostrando bem superiores as demais.

Dados da instituição tornam claro que no Ensino Médio noturno, principalmente no 1º Ano, as turmas têm começado com uma média de 35 alunos e ao final do ano letivo estão com 12 a 15 alunos. Vale lembrar, que os dados da instituição demonstram ainda que as causas são atribuídas a diversos fatores que vão desde problemas familiares; baixa auto-estima; alunos que ainda menores de idade já trabalham o dia todo e estudam a noite; metodologias inadequadas adotadas pelo professor; falta de diálogo, dentre outras dificuldades com as quais nem sempre a escola sabe lidar.

Muito nos surpreendeu conversar com alunos que se evadem da escola por vários anos consecutivos, pois se verificou que eles se culpam totalmente pelo fracasso: supõem que não aprendem pela desmotivação, pelo descaso e pela falta de valorização do saber escolar em suas vidas. Entendem também que ninguém além deles próprios é que são os culpados: nem os pais, nem os professores e as escolas, muito menos o sistema como um todo. Falta-lhes o entendimento de que, em geral, o fracasso e a evasão escolar são partes de um processo maior, dadas as condições anteriores e externas a escola, como as desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Os alunos evadidos que responderam ao questionário, tem idade entre 17 e 37 anos sendo que a maioria está na faixa etária até 21 anos, conforme demonstra o gráfico 1.

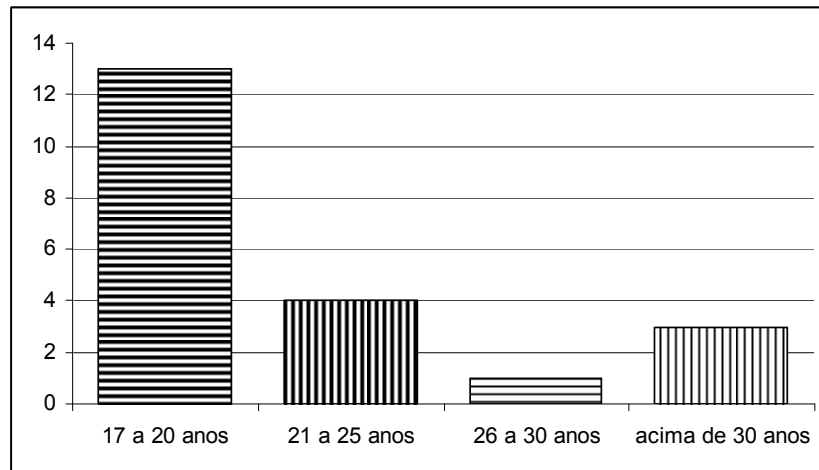


Gráfico 1 - Idade dos entrevistados

A maioria dos entrevistados, mora próximo a escola, não sendo, portanto, a distância da escola ou a dificuldade de acesso um dos motivos da evasão (gráfico 2). Seus pais estudaram pouco. A maioria dos pais e mães não tem o ensino fundamental completo (gráficos 3 e 4).

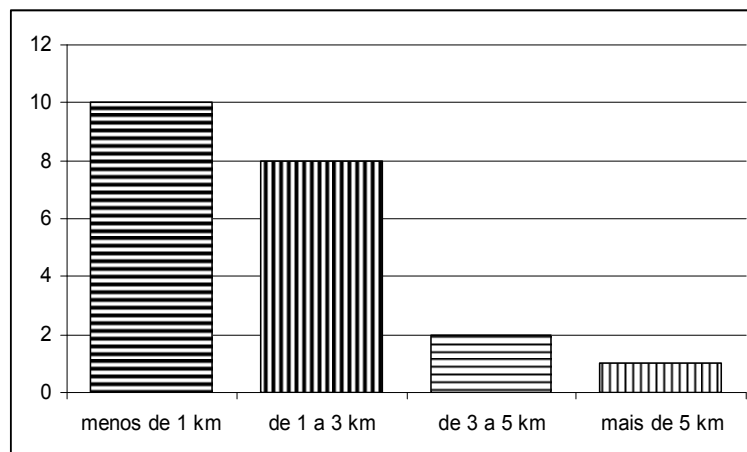


Gráfico 2 - Distância da escola

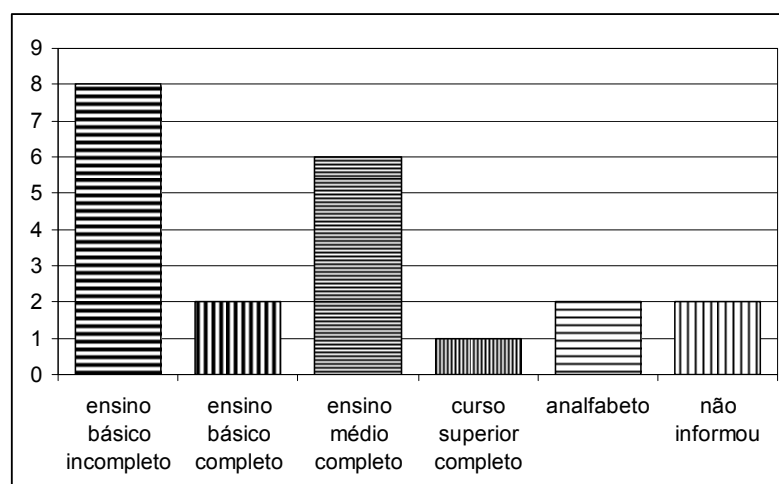


Gráfico 3 - Escolaridade do pai

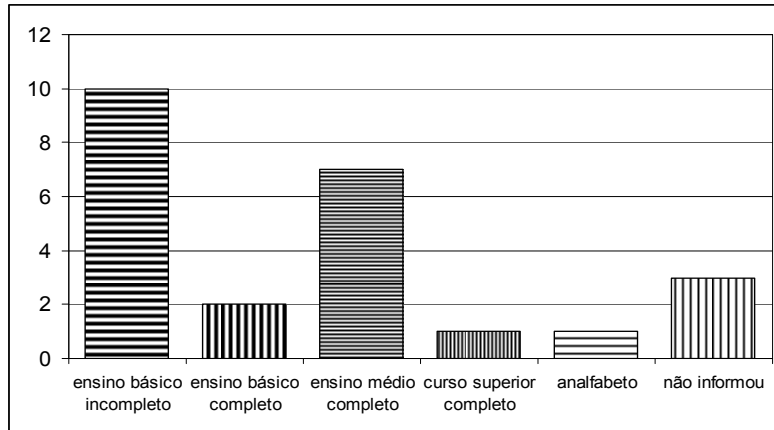


Gráfico 4 – Escolaridade da mãe

Quanto a renda, observou-se que entre as famílias a média gira em torno e 1 a 3 salários mínimos (gráfico 5). Esses dados mostram que são filhos de trabalhadores com pouca qualificação profissional.

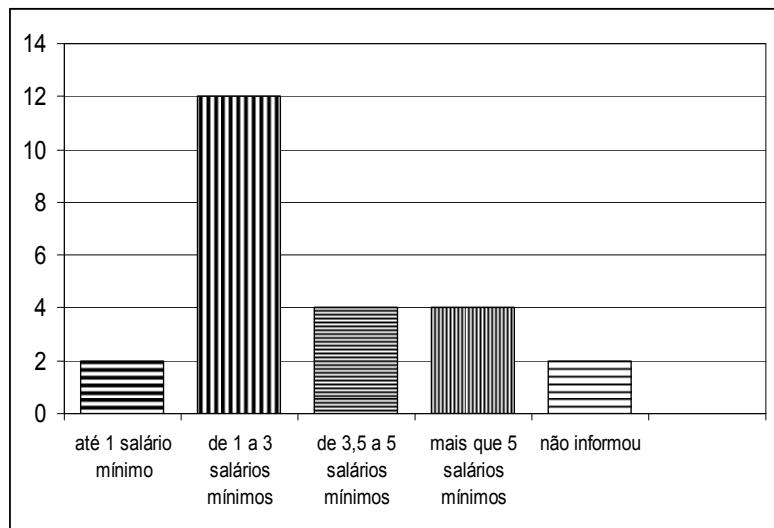


Gráfico 5 – Renda média da família

As condições socioeconômicas e culturais dessas famílias levam os jovens ao ensino noturno, para que possam trabalhar durante o dia. Ao fazer um balanço da escola pública brasileira do início deste século, Frigotto (2005) apresenta um retrato constrangedor da educação, demonstrando que é no ensino médio noturno que aparecem as situações mais perversas. São esses os alunos que mais precisariam de um ensino de qualidade, acabam por receber um aligeiramento em sua formação, tal constatação é corroborada por esta pesquisa.

Ainda, conforme este autor, “apenas ao redor de 45% dos jovens brasileiros concluem o ensino médio e, destes, aproximadamente 60% o fazem em situação precária

– Noturno e/ou supletivo.” Nessa transição do ensino fundamental para o médio, a família precisa contar com o trabalho destes jovens.

A necessidade de trabalhar é o que responde de forma mais prática à possibilidade de dar conta das expectativas da adolescência, como ter algum dinheiro para sair, para fazer algumas compras, sair com garotas (os), cuidar do corpo, etc. Nesse sentido o trabalho se torna mais importante que a escola, pois responde a uma necessidade presente, emergente. Sobre o assunto Bonamigo escreve:

Embora esse trabalho revele-se em alguns momentos prejudicial ao seu desenvolvimento, ele é que está garantindo, mais do que a sobrevivência, o seu reconhecimento como sujeito produtivo dentro de uma sociedade para a qual o trabalho é algo extremamente valorizado. Além disso, é o trabalho que, diferenciando-o dos “vagabundos” e dos “marginais”, insere-o na moral vigente (BONAMIGO, 1996, p. 149).

De um modo geral, os adolescentes manifestam um grande interesse pelo trabalho, o qual representa para eles a possibilidade de superação de algumas dificuldades da adolescência, bem como poder viver algumas das experiências características dessa fase. De acordo com Spindel:

Essa reflexão parte do fato de acreditarmos que a necessidade concreta do trabalho é realimentada, desenvolvida e interiorizada por duas ideologias às quais os adolescentes são contínua e concomitantemente expostos. A ideologia do trabalho e a ideologia do consumo, ambas vendidas pelo capital, mas utilizando diferentes vínculos de divulgação e diferentes processos de penetração, fazendo apelo ao jovem como produtor e como consumidor (SPINDEL, 1984, p. 54).

Na pesquisa realizada com os alunos evadidos averiguou-se que 76% estão trabalhando, conforme demonstra o gráfico 6, sendo que, entre os que responderam que não trabalham, tem-se os que apontam os trabalhos domésticos ou que ajudam os pais nos seus trabalhos. Observou-se ainda que estes alunos, trabalham em serviços pouco qualificados, que não precisam de escolaridade, sendo que 37 % recebem menos que um salário mínimo e 50% recebem entre 1 e 3 salários, havendo ainda, alguns alunos que dizem trabalhar em serviços não remunerados (gráfico 7).

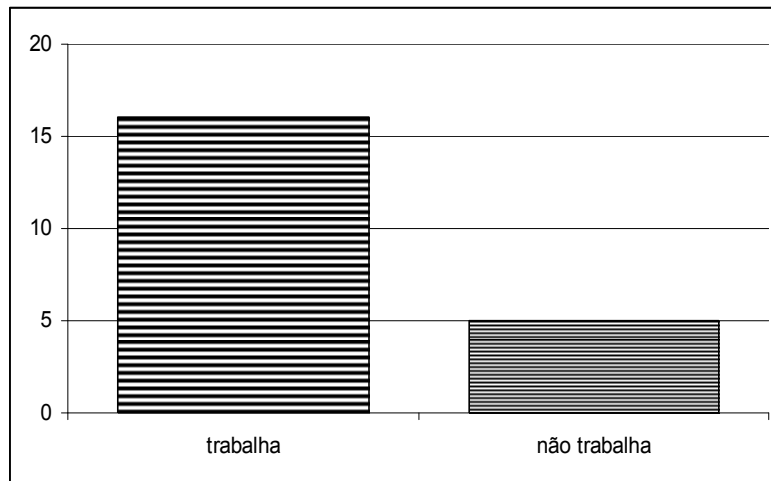


Gráfico 6 – Trabalho

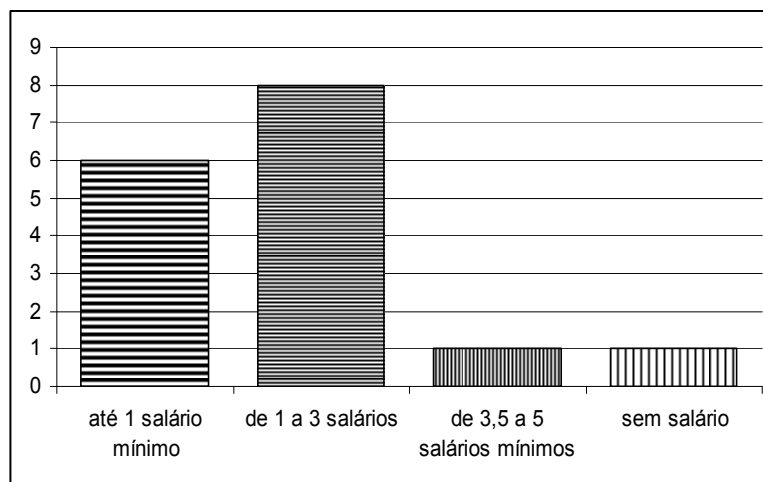


Gráfico 7 - Salário

Como bem cita Arpini:

O trabalho é valorizado, não importando num primeiro momento, sua natureza ou as condições que oferece, pois é ele que possibilita ao sujeito as primeiras experiências como consumidor e uma certa autonomia em relação a seus gastos e às escolhas que são possíveis a partir de sua renda.[....].Não ter trabalho implica para esses adolescentes, por um lado, não ter nada de novo, não poder comprar nada, não ter acesso a maioria dos lugares, e, por outro, conviver com o não ter (ARPINI, 2003, p. 154).

Percebe-se que a escola vai ficando para trás, ou seja, vai despertando menos interesse do aluno do que outras atividades, isso ocorre porque os alunos têm a ilusória sensação de que o estudo não lhes dá nenhum retorno, sentem que o que aprendem na escola não será utilizado mais tarde. Além disso, observou-se que a maioria deles não vê perspectivas de prolongar muito seus estudos, de modo que saber ler e escrever lhes parece suficiente para exercerem o tipo de trabalho que têm em mente ou ainda se sentem satisfeitos com o trabalho que exercem no momento. Estes alunos realizam

trabalhos que exigem pouca qualificação e estão empregados em mercados como repositores de mercadorias, empacotadores, ou ainda são auxiliares em mecânicas, contínuos, pintores, motoboys, domésticas, auxiliares de cabeleireiros, entre outros. Escolhem esse tipo de trabalho porque lhes representa a possibilidade de retorno imediato, dando conta dos seus problemas mais emergenciais.

A fala de Luft, contribui para a ampliação desta análise:

É complicado conciliar ensino obrigatório e trabalho obrigatório. Para muitos, no entanto, a grande perspectiva é superar o destino dos pais. Trabalhadores sofridos, explorados, muitos se culpam e concluem erroneamente ser a falta de escolaridade a causa de sua situação de pobreza e de exclusão social. Sabemos que essa não é a única causa. Numa sociedade capitalista a existência do oprimido é condição fundamental para a perpetuação do sistema. Não há dúvida de que no projeto de idealização da sociedade excludente, veicular essa versão é uma forma ideológica de culpar a própria vítima (LUFT, 2003, p.118-119).

Questionados acerca dos motivos que levaram a buscar o ensino noturno, a maioria dos respondentes de nossa pesquisa apontaram o trabalho ou o fato de terem de ajudar no sustento da família e de seu próprio. Evidencia-se assim que o trabalho é prioritário: é em função dele que estes alunos pensam seu projeto de vida. O trabalho representa, ainda que de forma precária, a possibilidade de uma saída para essa fase de suas vidas. Trata-se, porém, de uma saída que precisa ser problematizada, uma vez que a ausência de escolarização conduz à perpetuação da situação de pobreza e exclusão em que se encontram (gráfico 8).

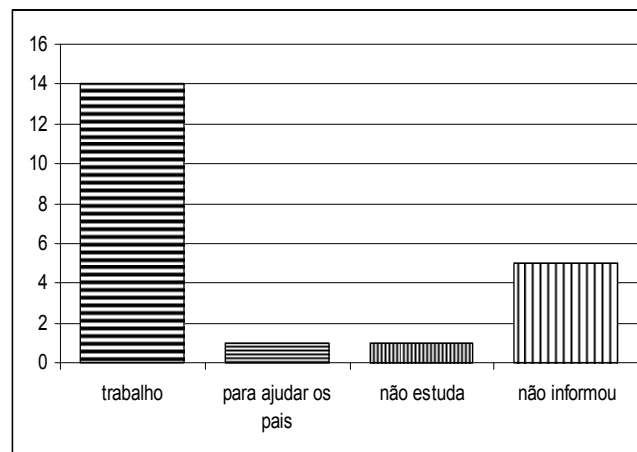


Gráfico 8 – Razão pela qual optou pelo estudo noturno

Desta forma, observa-se que o trabalho passa a ser mais valorizado, pois proporciona ao adolescente as primeiras experiências como consumidor e com isso, uma certa autonomia em relação aos seus gastos e escolhas que só são possíveis a partir de sua renda.

De acordo com o preconizado por Arpini:

Muito dos adolescentes dos grupos populares reprovam com freqüência e se encontram, de maneira geral, atrasados nos estudos, o que parece, em princípio não afetá-los demais e nem a seus pais, os quais, embora muitas vezes exijam que eles freqüentem a escola, não esperam muito dela e sabem que o futuro de seus filhos esta mesmo num trabalho que ainda tem pouca a ver com a escola (ARPINI, 2003, p.161).

Os motivos da desistência ou reprovação apontados pelos alunos são os mais diversos: trabalho, falta de interesse, preguiça, problemas familiares, casamento, preconceito, falta de esforço. As dificuldades encontradas na primeira série, citadas pelos alunos, indicam basicamente a dificuldade para conciliar trabalho e estudo, dificuldades de relacionamento com outros alunos e desinteresse (gráfico 9).

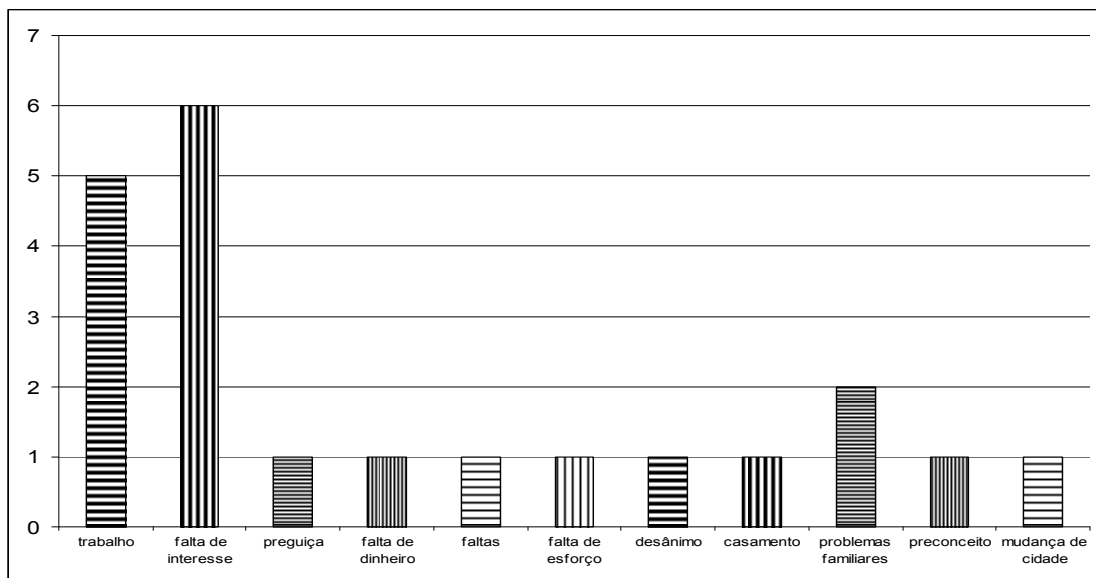


Gráfico 9 – Motivos que levaram a desistência ou reprovação

As palavras de Arpini auxiliam na compreensão da questão:

Seus vínculos são frágeis e instáveis, e isso muitas vezes os leva a interromper o ano letivo, em função de tantos problemas, e a retornarem somente no ano seguinte, fato que tende a se repetir. Assim, essa forma de vida instável conduz uma escolarização também muito instável e difícil de se cristalizar, de modo que a escola passa a ser dispensável, como tantas outras coisas na suas vidas (ARPINI, 2003, p.164).

Na escola esses alunos não se sentem integrados, pois tudo o que pensam e o modo como se comportam é por vezes rejeitado por ela, vivenciando assim uma relação de atrito e discriminação.

Nesse sentido, a escola precisa respeitar as diferenças pessoais, evitando a massificação, como cita Godinho:

A escola tem que procurar não ser uma agência de produção uniformizada de signos, sintaxe e subjetividade, onde todos os desvios e diferenças são capturados e normalizados; precisa buscar ser um espaço onde haja o respeito à singularidade, a promoção de autonomia e a possibilidade de instauração de novos sistemas de valorização e produção da diferença (GODINHO, 1995, p. 202).

Assim, sendo a escola um lugar nada confortável à sua situação e com poucas aplicabilidades na vida imediata, o adolescente opta por abandoná-la e passa a buscar um meio de ganhar algum dinheiro, mesmo que de modo precário, pois não ter trabalho implica, para essa faixa etária, não ter nada novo, não poder comprar nada, não ter acesso à maioria dos lugares: é conviver com o não ter.

O aluno matriculado no período noturno ou está trabalhando durante o dia em um trabalho assalariado quase sempre em um período de oito horas ou então, passa para o período noturno e fica na expectativa de arrumar um emprego, sendo bastante comum chegarem até os professores buscando informações de possíveis oportunidades de se inserir no mercado de trabalho. Como as oportunidades não são muitas, alguns ficam muito tempo estudando a noite e sem trabalho. São cobrados pelos pais por não estarem trabalhando e se sentem desmotivados.

Carvalho enfoca tal situação:

As razões da existência dos cursos noturnos, bem como de seu funcionamento, precisam ser procuradas fora da escola, já que o trabalho dos meninos e sua escolarização à noite fazem parte da presente trajetória de vida da família das classes trabalhadoras (CARVALHO, 1984, p.10).

Fica evidente que a existência do ensino noturno é reservado aos filhos de trabalhadores e jovens trabalhadores. É um lugar de escolarização dos que não tem o privilégio de se dedicar apenas aos estudos. Essa diferenciação, no entanto, não evita a exclusão do aluno. Em muitos casos, o ensino noturno é considerado mais fraco que os demais, desta forma, evidencia-se que em alguns casos, se ensina menos, se exige menos e se reprova mais. Em consequência, acoberta-se também uma atitude discriminatória, até mesmo da própria escola, que, de certa forma, incentiva a acomodação.

Com base em entrevistas com a direção, equipe pedagógica e professores da escola em questão, pode-se verificar que o aluno daquela instituição é caracterizado da mesma forma que aparece nas várias literaturas consultadas. É um aluno que vem de

família com baixo poder aquisitivo, e muitas vezes, famílias desestruturadas e ausentes. São/estão desmotivados, cansados pela dura jornada de trabalho, outros vem a escola apenas para se encontrar com a turma e estão mais interessados nas conversas, nos encontros com os amigos. Outras vezes, a própria família não acredita mais na escola, e em seus ensinamentos, acredita que se o filho trabalhar, já está bom.

Colhendo depoimentos de alguns alunos com história de evasão na escola, alguns retratam bem essa questão. É importante destacar que a identidade dos alunos entrevistados foi mantida, desta forma passa-se a denominar os alunos simplesmente de Aluno A, B, C, e assim por diante.

“Eu já reprovei várias vezes e já parei de estudar também... Só continuo devido a vontade de meus pais. Eles trabalham e querem que eu estude, mas eu não gosto [...]” (Aluno A).

Outro coloca:

“[...] Eu descuidei, fui com a turma e deixei para recuperar mais adiante.... não deu, eu não tinha nota nenhuma, nas provas eu tentava adivinhar [...]” (Aluno C).

No início do ano, chego animado, achando que desta vez vai ser diferente, mas depois vou cansando. Daí os amigos chamam para uma festa, para uma volta, para uma cerveja e eu vou [...]. Quando me dou conta as notas estão feias [...] então o melhor é deixar para o outro ano (Aluno D)

“Também tive diversos problemas familiares, não tinha com quem desabafar ... naquele momento os amigos me ajudavam mais que as aulas [...] Eu não tinha cabeça para ficar ouvindo” (Aluno B).

Evidencia-se que os próprios alunos citam que foram descuidados, que tiveram problemas fora da escola e que se deixaram envolver por amigos e festas, e desta forma, pouco a pouco foram deixando a escola de lado.

Em relação aos professores, observou-se que muitos, por estar atuando em outros turnos ou escolas, ou ainda por terem outro trabalho durante o dia, acabam faltando muito, pedindo licenças, ocasionando também uma alta rotatividade de docentes durante o ano, o que gera descontinuidade, diminuindo já a pouca motivação destes alunos e não criando vínculos de afetividade (elemento importante também nesta fase escolar) entre aluno e professor.

Os alunos tendem a tomar para si a causa do seu fracasso na escola, isentando seus professores, a escola, o sistema. Ao agir desta forma, não consideram sua condição de aluno carente, que devido ao seu nível sócio-econômico não teve outra opção a não ser freqüentar os cursos noturnos. Isso muitas vezes representa a realidade dos alunos,

por outro lado, alguns se acomodam com a situação e a aceitam, deixando de buscar uma forma de romper com a realidade em que se encontram inseridos. Nesta realidade, vislumbra-se a pouca condição de absorção daquilo que a escola deveria (também) ensinar: a compreensão entre o aprendizado e a aplicação deste no contexto social, pois o conhecimento adquirido só faz sentido quando permite que o indivíduo seja capaz de compreender a sociedade em que vive e a partir daí buscar soluções que levem a mudanças efetivas. As palavras de Carvalho ilustram esta situação:

Fica clara a situação de nossos cursos noturnos. Mas para o aluno que precisa trabalhar, não resta outra opção. Apesar de poucos dados estatísticos acerca da realidade do ensino noturno no Brasil, duas evidências aparecem e nos desafiam: "grande parte de nossa infância e juventude só estuda porque tenta combinar trabalho e estudo, e, uma parcela, talvez maior, não consegue estudar porque necessita dedicar-se integralmente ao trabalho (CARVALHO, 1984, p.7).

Conciliar trabalho e estudo é considerado, pelos alunos e pelos professores pesquisados, como a única possibilidade de modificar tal situação de vida. Mesmo assim, talvez como uma postura de defesa, os alunos afirmam que estudar a noite tem vantagens como às amizades e o convívio.

Ao se comparar fontes de pesquisa sobre os mais diversos temas relacionados à educação, observa-se poucas publicações que fazem menção ao ensino noturno, demonstrando que este tema, não tem preocupado tanto os pesquisadores, apesar de ser possível perceber que boa parte da população brasileira só se escolariza, graças a existência do ensino noturno.

Diversas literaturas consultadas como Bonetti (2003) e Patto (1996) por exemplo, apresentam resultados que coincidem com os dados obtidos nesta pesquisa: para muitos dos envolvidos com a escola, o aluno é caracterizado como rebelde, irresponsável e baderneiro ou então como um trabalhador sofrido que necessita da escola para mudar sua condição de vida.

Assim, questiona-se: a escola está preparada para atender essa clientela levando em conta suas características ou apenas oferece o curso normal no período noturno, diminuindo a quantidade de conteúdos e subtraindo atividades feitas fora do horário das aulas?

Os alunos parecem indiferentes, e esta indiferença afeta os professores, desmotivando-os. Por trás desta indiferença, além dos motivos já levantados, existem também crenças de que determinadas disciplinas são mais difíceis de se aprender, o que faz com que o professor tenha um percentual de culpa pela evasão. Percebendo o pouco interesse do aluno pelo estudo em determinadas disciplinas, como Matemática e Física

(citadas como sendo a causa da maioria das desistências), alguns professores também não buscam melhorar seus métodos, no sentido de contribuir para a melhoria do ensino, completando o quadro.

Para muitos da comunidade escolar parece normal os alunos nesta condição reprovar várias vezes em diversas matérias e no ano seguinte, retornar para a mesma série. Conhecer o contexto desta modalidade, poder fazer um diagnóstico real desta situação, é um passo importante para entender a evasão escolar no ensino médio noturno. E esse diagnóstico pode fazer com que, por meio da adoção de novas metodologias, o professor possa motivar o aluno e fazer com que este volte a frequentar os bancos escolares.

A pesquisa realizada buscou compreender a visão destes sobre o que a escola pode fazer para manter os alunos estudando com motivação e interesse em aprender. As respostas obtidas apontam para uma situação paradoxal e preocupante.

Os itens apontados por alguns alunos evidenciam que eles buscam na escola um local de diversão. Diversos alunos citam que as aulas precisariam ser diferentes, com teatros, arte, música e outras atividades que tornassem as aulas mais atrativas, mencionam ainda que a aula poderia iniciar meia hora mais tarde, pois assim teriam tempo para se alimentar (a escola oferece alimentação apenas no intervalo das aulas), tomar banho antes de chegarem a escola, citam que os professores deveriam ser mais motivados e usar de maior criatividade, enquanto outros acreditam que “a motivação deveria partir de quem precisa estudar”, no caso, o aluno.

Enquanto alguns alunos citam a disciplina/indisciplina como algo separado da aprendizagem outros já a apontam como necessária, acreditam ainda que os professores e a direção da escola deveriam ser mais rígidos.

Alguns alunos acreditam que a escola “se preocupa com coisas pequenas”, como ir ao banheiro e usar boné em sala de aula, por exemplo, e que deveria se preocupar mais com quem tem interesse em estudar e não o oposto. Outros alunos citam que da forma como o ensino noturno acontece, os alunos “ainda são bons demais”.

O resultado da pesquisa apenas confirma o problema discutido neste trabalho: a evasão escolar possui causas diversas. Deparamo-nos com algumas questões já levantadas e estudadas por outros pesquisadores que apontam que a situação é mesmo caótica e precisa de alguma forma ser combatida.

É importante mencionar que mesmo retratando a situação da macro-estrutura em que o aluno está inserido, o professor pode interferir nessa realidade, desta forma, o único lugar onde de fato ele pode trabalhar, na tentativa de mudanças, é no âmbito escolar.

Apesar de se evidenciar que muitas são as causas da evasão, da reprovação e do fracasso escolar, a escola, sem dúvida, tem grande parcela de culpa nessa situação, pois a própria desmotivação dos professores completa o quadro desolador da educação no país.

Dessa forma, a escola não consegue atingir o aluno para que este se interesse pelo conteúdo. Neste quadro, muitas são as opiniões. É comum ouvir-se: “Os tempos mudaram e os alunos não são mais os mesmos”. De fato, isso tem um fundo de verdade: alguns valores se perderam, outros foram sendo incorporados, mas o ser humano continua sendo o mesmo, só que com necessidades próprias da época em que vive. Dadas as transformações rápidas de um tempo em que a tecnologia e a informática predominam, a escola parece uma instituição parada no tempo e no espaço, se mostra como que descartável e desnecessária para esse novo ser que se coloca.

Uma das possíveis soluções nos remetem ao fato de que seria preciso dar ao aluno condições de permanência na escola sem que ele precise fazer a opção entre o trabalho e o estudo. Sobre esse assunto, diz Arpini:

Nesse sentido, é preciso que a escola seja revista, que os projetos que atendam a essa população possam facilitar a permanência na escola, sem que seja necessário fazer uma opção entre esta e o trabalho, pois se essa necessidade de opção persistir a escola continuará sendo preterida, por não poder proporcionar aos adolescentes o que se apresenta com necessidade imediata em seu cotidiano. É preciso pensar em projetos de ensino profissionalizantes que contemplem uma perspectiva de crescimento (ARPINI, 2003, p. 169).

E complementa:

É preciso que a sociedade não mais os submeta à escolha entre escola e trabalho. Essa é uma relação violenta e perversa, quando acusa que os alunos deliberadamente abandonam a escola. É preciso lutar pelo acesso a um “lugar” para eles nessa sociedade que os tem, insistentemente, rejeitado (ARPINI, 2003, p. 171).

Diante disso percebe-se que a tarefa é desafiadora tanto para educadores quanto para os educandos. Lamentavelmente, a situação que se apresenta, é de uma escola que ao invés de estimular os talentos, trata de silenciá-los. Quantos alunos chegam à escola com sede de saber, questionam, querem saber “como”, “onde” e “por que”, mas com o passar do tempo vão se calando, se desinteressando (principalmente no noturno), quando, na verdade, deveria ser o contrário. Cada professor tem conhecimento dessas passagens em sua trajetória como “educador”.

Entrevistando os professores, acerca do que podem fazer para manter o aluno do Ensino Médio noturno na escola, motivado, estudando e aprendendo, também se evidenciou uma diversidade de opiniões.

Importante destacar a fala de alguns professores, na qual se percebe claramente que estes têm conhecimento da importância de sua profissão e também da realidade que atinge o ensino noturno:

Professor A: “[...] é preciso que o professor desça do pedestal e ocupe um lugar mais próximo do aluno [...]”;

Professor B: “[...] ter em mente de que se ele escolheu essa profissão, tem que dar o máximo de si na formação de seus alunos, pois ele lida com seres em formação e não com outro produto qualquer”;

Professor C: “[...] o professor que se acostumou com um trabalhinho medíocre não faz com 400, nem com 30 e nem com 5 alunos [...]”;

Professor D: “[...] O Ensino Básico Noturno não deveria existir, não nesses moldes, pois o aluno que o frequenta é trabalhador, ganha pouco, se alimenta mal, vive cansado e não consegue, por razões orgânicas se concentrar para estudar”.

Em geral os professores citam que é preciso estar motivado, transformar a prática pedagógica, adotar novas metodologias de ensino, incentivar a construção do sujeito capaz, ser mais flexível com a realidade do aluno do ensino noturno, no entanto, em sua maioria, não possuem uma metodologia eficiente neste sentido.

Percebe-se nos comentários dos professores entrevistados que há consciência de que o professor precisa ocupar seu lugar na sala de aula e realizar um trabalho que favoreça o aluno, por outro lado, fica evidente também que muitos dos professores não acreditam na eficácia do ensino noturno alargando assim ainda mais o abismo que separa a escola real da escola ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas junto aos alunos evadidos do Colégio Estadual Santo Agostinho, bem como, com os professores, a direção e a equipe pedagógica da instituição foi possível averiguar que a maioria dos alunos evadidos o fez principalmente em função de ter que ajudar no sustento da família. Desta forma, ao irem para a escola no período noturno, levam consigo o peso de um dia inteiro de trabalho. Os amigos e as propostas para se divertir facilmente os convencem a abandonar a escola. Pouco a pouco vão percebendo que suas notas vão caindo e acabam por abandonar a escola, no intuito de voltarem no ano seguinte. Neste quadro passam a impressão de que sabem a importância da escola e do conhecimento em suas vidas, uma vez que seu pensamento é de retornar no ano seguinte: “vou continuar”, em outra oportunidade.

Com o quadro apresentado, corroborado pelos autores abordados, pode-se afirmar que torna-se urgente repensar as propostas pedagógicas para os adolescentes (também do Ensino Médio) com vistas a apresentar soluções efetivas ao problema daqueles que se evadem da escola. Tal escola necessita voltar-se mais para o universo social, estabelecendo um vínculo entre escola e trabalho, de forma que um não represente a exclusão daqueles que, em decorrência da sua condição social, não seja alijado até mesmo das ferramentas que a escola pode dispor na busca por uma sociedade mais igualitária. Nesta busca, urge se o resgate da auto-estima dos adolescentes trabalhadores, assim como é preciso romper com o ciclo vicioso em que se encontram. Para isso, o conhecimento torna esta tarefa mais fácil e menos conflituosa. Na busca por este conhecimento gera-se a angústia. Esta nos defronta com a realidade e este sentimento tem levado o adolescente, que tende a ser imediatista, a afastar-se do universo escolar, diminuindo seu desejo de aprendizagem e se construindo mais uma barreira em sua fragilizada relação com a escola.

Os dados apresentados por esta pesquisa permitem concluir que o ideal seria que a escola pudesse disponibilizar profissionais capacitados para, além da atividade puramente de docente em cada disciplina curricular, atender aos alunos que necessitam de oportunidades para se expressar, falar de seus medos, angústias, dificuldades, sonhos. Ter alguém para ouvi-los (uma vez que a maioria das famílias não cumpre mais esse papel) e oferecer-lhes atividades que os levem a refletir sobre si mesmos, poderia já ser um passo importante na busca por superar o grave problema da evasão escolar.

Com os elementos apontados por este trabalho espera-se ajudar a entender o porquê do fenômeno e de como ele acontece de forma tão intensa em muitas escolas assim como colaborar na busca pelas suas causas apontando caminhos para combater tal situação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. (Org.). **Autoridade e autoritarismo na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

ARPINI, D. M. **Violência e Exclusão**. Adolescência em grupos populares. Bauru: Edusc, 2003.

BONAMIGO, L. R. **O Trabalho e a Construção da Identidade**: Um estudo sobre meninos trabalhadores na rua. Porto Alegre: UFRS, V.9, p. 152, 1969.

BONETI, L. W. (coord.) **Educação, Exclusão e Cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRANDÃO, Z. *et. ali*. O Estado da Arte da Pesquisa Sobre a Evasão e a Repetência. *In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. vol. 64, maio/agosto 1983. p. 69.

CARVALHO, C. P. **Ensino Noturno**: Realidade e Ilusão. São Paulo: Cortez, 1984.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. RAMOS, M. **Ensino Médio Integrado**: Concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GARCIA, J. **Indisciplina na Escola**: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Paraná. *Desenv, Curitiba*, nº 95, jan/abr.1999, p.101-108.

GODINHO, E. M. **Educação e disciplina**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1995.

LUFT, H. M. O Paradoxal papel da Escola: Promete incluir, excluindo. *In* BONETI, L. W. (coord). **Educação, Exclusão e Cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2003.

PATTO, M. H. S. **Fracasso Escolar, Histórias de Submissão e Rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

PENIN, S. **Cotidiano e Escola**: a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1995.

QUEIROZ, L. D. **Um Estudo sobre a Evasão Escolar**. UFMT, 1998. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf>> Acesso em 30 mai. 2008.

RUCHEINSCKY, A. A violência descortinando a educação: a polêmica de decifrar a prática social, *In*: LAMPERT, E. (org.). **Educação, cultura e sociedade**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2005.

SERRÃO, M. BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, A. V. O processo de Exclusão Escolar numa Visão Heterotópica. *In*: **Revista Perspectiva**. v. 25, Erechim, junho 2000. p.1-28.

SPINDEL, C. R. **O menor assalariado registrado na família e na escola**. CERU - Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, Caderno 19, Série 1. Jun-1984.